

Experiências literárias e o processo de formação de novos leitores

Resumo

Quando Piegay-Gros (2002) indica que “ler por ler” pode ser um divisor de águas entre uma leitura literária e qualquer outro tipo de leitura (cotidiana ou técnica), parece pertinente questionar: como se dá a experiência literária? A primeira motivação para o desenvolvimento desse estudo resulta de uma reflexão que busca compreender melhor a natureza da experiência com a leitura literária e quais suas implicações dentro do processo de formação de novos leitores. Para tanto, busquei realizar um percurso teórico que vê na subjetividade um elemento fundamental na construção de uma experiência significativa para promoção do gosto pela leitura e diretamente ligada à literariedade da linguagem. Nesse sentido, o diálogo com alguns autores, como: Vincent Jouve, Denis Bertrand e Hans Robert Jauss, se fez necessário na medida em que parto do princípio de que uma das chaves para seduzir o leitor em potencial começa por compreender o processo que faz da linguagem literária algo atraente, ou seja, uma experiência viva.

Nilo Souza
Universidade Federal do Pará –
UFPA – Brasil
nilocarlos7@gmail.com

Palavras-chave: Experiência Literária. Leitura. Ensino.

Para citar este artigo:

SOUZA, Nilo. Experiências literárias e o processo de formação de novos leitores. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 08-21, maio/ago. 2017.

DOI: 10.5965/1984723818372017008

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723818372017008>

Literary experiences and the formation process of new readers

Abstract

When Piegay-Gros (2002) indicates that "reading for reading" can be a watershed between a literary reading and any other type of reading (everyday or technical), it seems pertinent to ask: how does the literary experience take place? The first motivation for the development of this study results from a reflection that seeks to better understand the nature of the experience with literary reading and its implications in the process of training new readers. In order to do so, I sought to carry out a theoretical course that sees in subjectivity a fundamental element in the construction of a meaningful experience for the promotion of the taste for reading, which is directly linked to the literary quality of the language. In this sense, dialogue with some authors, such as Vincent Jouve, Denis Bertrand and Hans Robert Jauss, became necessary, insofar as I assume that one of the keys to seduce the potential reader is the understanding of the process that turns literary language into something attractive, that is, into a living experience.

Keywords: Literary Experience. Reading. Teaching.

1. Construindo uma relação entre a subjetividade e os recursos intralinguísticos do texto literário

Quando as primeiras pesquisas construtivistas começaram a surgir no cenário brasileiro, muita coisa mudou na visão que se tinha sobre o ato da ler. Um marco nessa mudança foi a publicação de *Psicogênese da língua escrita* (1985), de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Os especialistas da educação passaram a identificar no ato de ler um tipo de processo bem mais complexo do que se tinha até então. A formação de novos leitores não poderia ser pensada visando somente a estrutura do texto. Da mesma forma, o contexto histórico não fornecia todos os parâmetros para se entender o processo de construção de sentido. A figura do leitor torna-se fundamental e a recepção ganha o interesse dos estudiosos que passam a observar os vários momentos de apreensão da cultura escrita. A pesquisa de Ferreiro e Teberosky demonstra que há uma apreensão do ato de ler pela criança, constituída através de relações subjetivas, antes mesmo de ela ser alfabetizada: “Um adulto realiza cotidianamente uma série de atos de leitura diante da criança, sem transmitir-lhe explicitamente sua significação” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 156).

Ao estabelecer suas pesquisas no campo da psicolinguística, as estudiosas demonstraram que a gênese do processo de apropriação do sistema de escrita pela criança não se sustenta nos métodos empregados, mas sim nas relações estabelecidas com a cultura escrita – isso pressupõe a aproximação da criança com o leitor experiente. Em outras palavras, é preciso manter vínculos com o leitor para distinguir e construir sentido no ato de ler. Sem esse vínculo torna-se dificultosa uma percepção positiva da leitura pela criança.

Assim sendo, é possível dizer que cada sujeito constrói sua experiência com a leitura em uma via de mão dupla: um movimento de dentro para fora e de fora para dentro guiado pela subjetividade – enlaçados pelo outro que lhe transmite não apenas traços do ato de ler, mas aquilo que fundamenta o sentido do próprio ato. Para Vincent Jouve (2013), a leitura em todas suas dimensões tem indissociavelmente sua carga de subjetividade. Mesmo dentro de um plano intelectual, o leitor se pauta de referências subjetivas. A perspectiva de Jouve indica que cada leitor remonta incondicionalmente suas memórias ao inserir significado no ato de ler e, posteriormente, em suas leituras. No

fundo, há uma necessidade de se preencher as incompletudes do texto. Em outras palavras, a leitura se constitui como um ato de inserção do sujeito na construção de sentido:

Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, resulta-o. (JOUVE, 2013, p. 53)

É preciso dizer que, sendo diversos os tipos de leitura, também são diversos os leitores que praticam. Ampliando mais o quadro, para cada tipo de vínculo que se estabelece com os diversos tipos de leitores tem-se uma multiplicidade significativa de resultado. Se tal raciocínio estiver correto, é pertinente se perguntar que tipo de vínculo pode gerar o gosto pela leitura?

Seguindo o raciocínio de Jouve, as emoções são o ponto mais alto da leitura literária, que afirma: “Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (JOUVE, 2002, p. 19). É certo que o autor se refere à afetividade do leitor com o texto; porém, é preciso incluir nessa relação afetiva o mediador e todo o contexto favorável a uma experiência prazerosa com o ato de ler. A melhor obra literária não pode produzir um efeito positivo se mediada por alguém com quem não se tem uma relação afetiva. Da mesma forma, é inviável atingir as emoções de um leitor em potencial dentro de um contexto conturbado, em condições que tirem a atenção do leitor.

Em *Caminhos da Semiótica literária* (2003), Denis Bertrand realiza o caminho inverso ao de Jouve quando trabalha com conceitos da semiótica aplicados aos textos literários. Bertrand introduz o leitor no percurso analítico do discurso literário. Dessa feita, o contato com a literatura vai para além do simples desenvolvimento de tópicos literários, têm-se os efeitos que determinadas estruturas discursivas provocam no leitor em potencial. Assim, a ideia central de Bertrand é

Pôr em prática um percurso metodológico para a análise dos textos literários, e a partir daí, propor prolongamentos e discussões críticas para um estudo da literatura centrado, segundo nosso postulado inicial, na realidade textual e discursiva. Esta iniciação está portando inserida num campo de especificidade: a literatura. Isso não deve ocultar a amplitude muito maior dos domínios de investigação da semiótica: de um lado, a teoria da linguagem e sua incessante busca epistemológica; de outro, os universos do discurso, verbais ou não verbais (notadamente visuais), dos quais há análises feitas por semioticistas. (BERTRAND, 2003, p. 23)

Para se alcançar a amplitude do texto literário e, ao mesmo tempo, tocar o leitor é preciso “nos atermos ao texto propriamente dito, em reconhecer sua autonomia relativa de objeto significativo” (BERTRAND, 2003, p. 23). Bertrand leva em consideração o texto literário como um *todo significação*: uma estrutura que traz em si os mecanismos contextuais para sua exploração.

Uma das propriedades sempre reconhecidas no texto dito “literário” é que, diferentemente do conto oral, do artigo de imprensa ou de outras formas de discurso, ele incorpora seu contexto e contém em si mesmo o seu “código semântico”: ele integra assim, atualizado por seu leitor e independente da intenção de seu autor, as condições suficientes para a sua legitimidade. (BERTRAND, 2003, p. 23)

Segundo Bertrand, a enunciação é uma instância de mediação que liga a narrativa e o discurso: “É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto” (BERTRAND, 2003, p. 24). Ao mesmo tempo em que parte dos traços formais da narrativa, Bertrand considera o leitor o *núcleo do discurso*, já que interpreta, avalia, aprecia, aceita ou rejeita as significações.

As concepções de leitura e de leitor construídas por Bertrand em parte desmobilizam as vertentes subjetivas da teoria da leitura, ao mesmo tempo em que reúnem os elementos fundamentais para se pensar o ato de ler como algo que se nutre do discurso. Sem esse intercâmbio, o leitor não poderia conceber o texto como instância verossímil, aquilo que Bertrand chama de *contrato de veridicção*. Haveria, portanto,

características próprias do texto literário que levam o sujeito a uma condição de confiabilidade e que reorganizam a própria subjetividade do leitor no interior do discurso.

O pensamento de Bertrand reconduz os traços retóricos do discurso literário para o plano da arte, em consonância com o pensamento aristotélico. Não apenas isso, ele acrescenta princípios de outros campos do conhecimento, fazendo de sua semiótica um procedimento verdadeiramente interdisciplinar. Assim, constata-se em sua obra concepções de *discurso* e de *enunciação* trazidas da linguística de Ferdinand de Saussure¹ (1857-1913) e das reflexões de Émile Benveniste² (1902-1976). Ao flertar com a Antropologia e com o pensamento de Greimas, Bertrand entende que a estrutura da narrativa, ao reger o discurso, organiza o imaginário humano. Por fim, suas análises têm como base a influência da fenomenologia, o que significa dizer que a construção de sentido instala-se a partir da relação “entre sujeito sensível e objeto percebido, destacando-se no horizonte da sensação” (BERTRAND, 2003, p. 21).

O que de fato interessa dos procedimentos de Bertrand para essa reflexão se encontra no poder de imantação que há nas propriedades narratológicas e que conduz o leitor iniciante para um tipo de experiência organizadora. (Essa última ideia, associada a outras que se desenvolverão ao longo do texto, aponta para um primeiro encontro leitor-mundo).

Tanto Bertrand, quanto Jouve identificam no leitor o ponto de fruição por onde passam os sentidos, a linha divisória entre os dois é a mesma que separa duas correntes teóricas: o *estudo do efeito* e a *análise da recepção*, respectivamente. Enquanto a primeira

¹ Para Saussure “a língua é um sistema de signos” (SAUSSURE, 2006, p. 24), mas não equivale a um sistema fechado, pois seu funcionamento está ligado à sua natureza, que é social. Em outras palavras, mesmo não tendo ligação natural com a realidade, ela (a língua) cria a realidade. Partindo dessa premissa, Saussure elabora sua ideia sobre a relação entre os signos na construção de sentido e para o valor do discurso: “O que é preciso para que tenhamos a ideia de se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o *discurso* consiste, quer seja de maneira rudimentar e por via que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento” (SAUSSURE, 2004, p. 237).

² Para Benveniste só se pode falar em linguística quando inserimos no ato de comunicação propriedades, como: diálogo, enunciação, sujeitos, etc. São essas propriedades comunicativas que possibilitam o reconhecimento de identidades. Com isso, Benveniste buscou investigar a “intersubjetividade” no *discurso* (o uso da língua pelo sujeito que se comunica). Nesse sentido, o autor entende a *enunciação* dentro de um sistema em que a língua “assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso” (BENVENISTE, 2006c, p. 101).

corrente se preocupa com as prescrições textuais que pesam sobre a leitura; a segunda busca compreender a afetividade motriz que há no ato de ler, elemento que geralmente não segue as diretrizes do enunciado.

Parto da premissa de que é possível refletir melhor sobre o ato de ler interligando as duas linhas de pensamento. De fato, o efeito do discurso literário e a subjetividade na recepção não se excluem, ao contrário, se o processo de formação do gosto pela leitura passa pela relação entre leitor-mediador-texto, tal processo se faz por uma experiência que aproxima subjetividade e recursos intralinguísticos. Um conceito que nos ajuda a conciliar essas duas linhas teóricas é o de *horizonte de expectativas*, formulado por Hans Robert Jauss. É o que passarei a discutir.

2. Experiência literária e gosto pela leitura

Em meio à virada de mesa sofrida pelo *Estruturalismo* nos fins da década de 1960, Jauss busca retomar as discussões deixadas de lado pelos historicistas. Ao publicar *A história da literatura como provocação à teoria da literatura*, sua intenção foi refutar as infrutíferas abordagens idealistas sobre a literatura e promover um estudo que combinasse os aspectos históricos com os estéticos. Para tanto, o autor volta-se para outra concepção de leitor e, ao mesmo tempo, se desfaz tanto da dialética marxista, quanto do pragmatismo formalista:

Leitores, ouvintes, espectadores – o fato público em suma, desempenha naquelas duas teorias literárias um papel extremamente limitado. A escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo como ela trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como o sujeito da percepção, como alguém que, seguindo as indicações do texto, tem a seu cargo distinguir a forma ou desvendar o procedimento. Pretende, pois, ver o leitor dotado da compreensão teórica do filólogo, o qual, conhecedor dos meios artísticos, é capaz de refletir sobre eles – do mesmo modo como, inversamente, a escola marxista iguala a experiência espontânea do leitor ao interesse científico do materialismo histórico, que deseja desvendar na obra literária as relações entre a superestrutura e a base. Contudo – e como afirmou Walther Bulst –, texto algum jamais foi escrito para ser lido e interpretado filologicamente por filólogos, ou – acrescento eu – historicamente por historiadores. Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno,

imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa. (JAUSS, 1994, pp. 22-23)

A recepção, portanto, torna-se o principal foco, e o fenômeno literário é entendido como um percurso de sucessivas leituras. Desta feita, vem à tona não o mero julgamento de um determinado período literário, mas a concretização do efeito do texto para o leitor ao longo de um processo histórico. A finalidade desse procedimento é identificar os muitos caminhos da recepção de uma obra para se chegar ao seu efeito atual, o ponto onde se cruzam o histórico e o estético. Tenho dúvida se de fato isso é possível, mas, para Jauss (1994), a relação entre *efeito* e *recepção* é de natureza dialógica, é através dessa relação que se alcança a experiência estética.

Tendo isso em mente, Jauss (1994) apresenta o conceito de *horizonte de expectativas*: instância de leitura composta pelo(a): conjunto de conhecimentos prévios que o leitor traz consigo; estrutura intrínseca do texto literário; campo temático e semântico que transcorre o texto; contraste advindo da linguagem poética e da pragmática. Como se pode perceber, a ideia de Jauss é tentar alcançar um panorama histórico da recepção literária baseado nas camadas intrínsecas do discurso literário. Em outras palavras, o *horizonte de expectativa* emana do conhecimento prévio que o leitor possui quanto aos componentes que envolvem a linguagem literária.

O propósito de Jauss não é ir além do interesse pelas condições sócio-históricas das diversas interpretações literárias e, com isso, identificar, na pluralidade das estruturas de sentidos, os efeitos da recepção. A dimensão de leitura se daria somente entre autor-texto-recepção(-histórica). Do lado do autor, o *horizonte de expectativa* vem com todas as projeções que se faz para um determinado leitor ideal. Assim, o leitor vislumbrado por Graciliano Ramos para *Vidas secas* deve se interessar por questões sociais; enquanto que Joaquim Manuel de Macedo projeta um leitor completamente entretido por questões passionais para o romance *A moreninha*.

Os traços verbais da obra literária são concebidos como unidades que vão ao encontro das informações que o leitor real tem do sistema de leitura literária. Em nenhum momento, Jauss inclui outros fatores que poderiam redimensionar o quadro de inferências no processo de leitura. Não há, por exemplo, referência ao mediador e sua

relação com o leitor. Assim como, não se vislumbram outros fatores contextuais que podem transformar a percepção dos elementos discursivos da obra literária.

No entanto, o próprio Jauss entende que a concepção de obra literária não pode ser um todo autônomo, independente de fatores externos. Isso me dá margem para pensar que a experiência literária estaria justamente no entrecruzamento entre o interno e o externo, entre o histórico e o estético, entre as malhas discursivas e a realidade vivida.

O sentido criado dessa simbiose não se configura uma absoluta novidade aos olhos de quem lê. A obra literária desperta no leitor – através de sinais explícitos e implícitos – referências análogas às dispostas na estrutura do discurso literário, referências essas que provocam ressonâncias em sua base cultural, sua memória afetiva, sua experiência de leitura, ou seja, seu *horizonte de expectativas* – na visão de Jauss, aquilo que conduz o leitor às diferentes emoções, posturas e atitudes perante o que foi lido. Assim sendo, a subjetividade do leitor estaria diretamente associada a uma rede progressiva de conjunções interpretativas predominantes na obra literária e que, por seu turno, conduz o gosto do leitor.

Partindo de tais pressupostos, caberia aqui encontrar o lugar do mediador nesse processo. Se o diálogo entre a obra e um leitor está sujeito ao *horizonte de expectativas*, a mediação redimensiona essa esfera dialógica. As primeiras reações do leitor perante o texto literário podem ser ressonância das experiências do mediador: leitor experiente e conhecedor de estratégias de leitura.

A relação leitor-mediador é resultado de uma aproximação afetiva, necessária para procedimentos de aprofundamento de leitura: apontando pistas, esclarecendo nuances, modelando passagem, resgatando informações e intertextualizações, etc. A percepção do texto literário não surge como mero desvelamento de formas. Ao contrário, as formas são moldadas de acordo com a inserção (ou não) do leitor no jogo narratológico, o que, por sua vez, implica no grau de cumplicidade que ele tem com o mediador. Neste caso, isso dependerá em especial das forças que o seduzem e o ajudam a organizar sentidos, quais sejam: o contrato afetivo que se tem no processo de mediação e a carga de efeito referencial que se irá construir a partir do sistema discursivo da obra literária.

Em muitos casos pode haver uma renúncia de alguns elementos constituintes da subjetividade do leitor no momento da leitura, mas nunca uma negação completa dessa subjetividade, sob pena de uma leitura desinteressada – toda leitura que produz um efeito positivo no leitor só o faz porque há traços de subjetividade envolvidos. Da mesma feita, a dinâmica de construção de sentido, que se dá num jogo de aceite e recusa de dados provenientes do discurso literário, só resulta na conquista do leitor quando mantém uma dosagem significativa de aceitação. Nos dois casos, o fiel da balança pode estar na mediação. Segundo Rildo Cosson:

Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. [...] Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2016, pp. 29, 30)

Para se chegar ao momento em que um indivíduo busque espontaneamente uma obra literária pelo simples prazer de enveredar no mundo da leitura – o “ler por ler”³ de Piegay-Gros –, é preciso que ele já tenha passado pela experiência que o faça reconhecer nesse ato um *efeito* atraente. Enquanto isso não acontece, o leitor em potencial percorre as instâncias do texto sem identificar ou perceber as peculiaridades de sua linguagem: tudo não passa de estágios homogêneos de decodificações que se precipitam aos seus olhos. A questão é que uma experiência de leitura não se constitui como um ato involuntário, alheio ao nosso envolvimento. A experiência, nos termos de Jorge Larrosa (2002), é um acontecimento que toca o sujeito e, ao tocá-lo, é tomado de sentido. Na experiência é possível identificar um elo entre conhecimento e vida, coisa que só se dá dentro de um parêntese subjetivo, para o qual atraímos as impressões de mundo:

³ Tradução livre.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Nessa mesma esteira de pensamento, a leitura é um espaço aberto para a vivência de todas as combinações possíveis de experiências, inclusive a do 'outro' que me acompanha – ou a leitura da experiência do 'outro'. Com o mesmo sentido que se diferencia uma ingestão de uma degustação, a leitura desorientada não possui as mesmas qualidades da leitura mediada. Essa última fornece ao leitor os temperos necessários para se perceber o gosto que há no ato de ler: “Haverá, portanto, toda uma economia de leitura que seria, em último caso, alimento: toda leitura seria um incorporar (um fazer tornar parte do próprio corpo) o que está fora e somos capazes de pôr ao nosso alcance” (LARROSA, 1998, p. 126). A imagem da leitura como alimento a ser incorporado pelo leitor se duplica: ao mesmo tempo em que é uma necessidade, é também uma apreciação. Mas para se chegar a esse estado em que a leitura se torne imperativo e deleite é preciso que haja uma relação íntima, não somente com o texto, mas com todos os elementos contextuais da leitura, todos arrolados numa subjetividade degustativa. Se para Barthes “o texto de prazer é Babel feliz” (BARTHES, 1987, p. 8), a leitura literária prazerosa é uma Babel de experiências, sem deixar de ser uma experiência subjetiva. É nesse termo que Larrosa considera que:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o saber científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2002, p. 27)

A configuração de uma personalidade leitora, neste caso, se alinha com a organização externa do mundo. A ética de que nos fala Larrosa ajuda a pensar que a leitura torna-se prazerosa na medida em que movimenta um mundo inteligível. O leitor se identifica com uma lógica – não necessariamente a lógica convencional – de representações viável para sua dimensão humana. O prazer na leitura literária é, sobretudo, a dose de completude que tanto se busca na vida real. Quando se observa o histórico de indivíduos que rejeitam a leitura, em especial a leitura literária, percebe-se que, em geral, eles não tiveram uma experiência mediada com o discurso literário, uma relação afetiva que os guiassem ao condicionamento da própria existência. Michèle Petit, ao tratar da leitura entre os jovens franceses, fala de certo ‘bloqueio’ que os rapazes têm em relação à leitura. Ela entende que “Os que ultrapassam esse bloqueio o fazem graças a um encontro feliz com um professor ou com uma garota. Ou, eu acrescentaria, com uma bibliotecária” (PETIT, 2009, p. 7).

Ao que tudo indica, a construção do gosto pela leitura passa por vários encontros felizes do leitor em potencial com: uma obra que dialoga com seu conhecimento e com sua vivência de mundo; um mediador experiente que aponte os caminhos e provoque a exploração de sentidos; estratégias que toquem e motivem a inserção ao texto; um espaço e um tempo contextual favorável às divagações dispendidas na leitura; situações de afetividade que aproximem cada componente do processo formativo.

Quando ampliamos o *horizonte de expectativas* proposto por Jauss, garantimos a inclusão de elementos importantes para se pensar a construção do gosto pela leitura. É possível introduzir o leitor iniciante no percurso metodológico e, ao mesmo tempo, interagir com a cultura e os esquemas dominantes de um período histórico, sem deixar de lado as dimensões subjetivas e relacionais que se fazem presentes na construção de sentido. Se para Jouve, “A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo, quer os recuse quer os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22), tal ação só pode ser dinamizada na realidade do texto e do discurso, pelo princípio da imanência, como indica Bertrand ao dizer que o texto literário: “produz, ao menos parcialmente, as condições contextuais de sua leitura” (BERTRAND, 2003, p. 23).

Não caberia aqui interpretar o ato da leitura como resultado de *mímesis*, formulando mera representação do real. A correspondência entre a literariedade do

texto e o “real”, se condiciona a uma identificação do leitor com uma estrutura que inclui os muitos pontos de intermediação, em especial, o próprio mediador. Neste caso, parece-me que um modo eficiente de abordar a questão da formação do gosto pela leitura literária entre crianças e jovens, não pode deixar de lado as várias dimensões interpretativas que vão do texto ao leitor, num jogo de entrada e saída que alarga o horizonte e as experiências do leitor iniciante.

Para fins de conclusão, eu acrescentaria que a experiência literária provoca uma reflexão sobre a linguagem e a organização do mundo dentro de nossa existência. Alcançar esse estágio de leitura é vivenciar aquilo que Jouve entende como o enriquecimento de “nossa relação com o real, quando ampliam a escala de nossas emoções e nos oferecem (às vezes) um ponto de vista original” (JOUVE, 2010, p. 203). Porém, não basta encontrar o intercâmbio entre a literariedade e o “real”, os efeitos desse encontro só serão positivos com o desenvolvimento de competência leitora, razão pela qual se torna imprescindível o papel do mediador, dentro de uma relação que envolva confiança e afetividade.

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 2 ed. Tradução: Rosa Attié Figueira. Campinas: Pontes, 2006. v. 2.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução: Grupo CASA. Bauru: Edusc, 2003.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução: Diana M. Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUVE, Vincent (et al). Entrevista com Vincent Jouve, autor de A leitura. Tradução de Brigitte Hervot. **Leitura em Revista**. Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, n. 1, out., 2010.

JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógica das leituras subjetivas. Tradução: Neide Luzia Rezende. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução: Brigitte Hervot – São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução: Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. nº 19, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Piegay-Gros, Nathalie. **Le lecteur, texteschoisis & présentés**. Paris: GF Flammarion, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização e edição Charles Bally e Albert Sechehayé, São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

Recebido em: 14/02/2017

Aprovado em: 06/04/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 18 - Número 37 - Ano 2017

revistalinhas@gmail.com